Ideias para se destacar nessa vida, mas concluir que valeu a pena viver

Oh, perecer por alguma causa nobre – morrer salvando a vida de outra pessoa, mesmo que essa pessoa não valorize a vida, à qual ele se apegou!

Lembro-me de conceber esse desejo, com toda a sinceridade, numa noite de luar, enquanto caminhava pela Frith Street, Soho. Encontrei um pequeno grupo de pessoas empolgadas que se reuniram aos pés de uma casa construída sobre uma loja. E de uma vidraça quebrada no segundo andar, subia uma nuvem sinistra de fumaça que parecia uma coluna no céu sem vento. Uma escada comum foi posicionada contra a casa, que, segundo eles, era toda habitada; porém, nenhum carro de bombeiro havia chegado e não havia saída de emergência, e parecia inútil tentar as pessoas que estavam lá dentro, seja chutando, seja batendo na porta bem forte.

Torcia para aparecer alguém corajoso – um homem muito corajoso, que subiria na escada e entrasse na casa pela janela quebrada. Aqui se apresentava, finalmente, uma esperança solitária e infeliz para liderar!

Assim, um homem apareceu. Para minha grande vergonha e contrição, não era eu.

Ele era baixo, encorpado e de meia-idade, tinha um rosto rosado jovial e bigodes, parecendo como os de gato, imensos – um homem bastante comum, que de modo algum parecia cansado de viver.

Seu heroísmo foi desperdiçado; pois todos ouvimos que a casa estava vazia, para nosso imenso alívio, antes que ele conseguisse forçar uma passagem para a sala em chamas. Seus bigodes nem foram chamuscados!

No entanto, voltei para casa e desisti de todos os pensamentos de autodestruição – mesmo em uma causa nobre; e ali, em penitência, comprometi-me a incentivar o trabalho árduo de muitas noites, ainda que um

tanto apressadamente – uma cópia elaborada em caneta e tinta, linha por linha, da imortal gravura em madeira de Retel[1] “Der Tod als Freund”[2], que a Sra. Lintot tinha sido gentil o suficiente para me emprestar – e com o qual eu havia escrito, em lindas letras góticas pretas e maiúsculas vermelhas (e sem o menor senso de humor ou irreverência), o seguinte poema, que me custou infinitas dores:

[1] N.T.: pintor alemão (1816-1859) do século XIX. Estudou na Academia de Dusseldórfia. Por volta de 1847-1852 iniciou os frescos da Câmara Municipal/Prefeitura de Aachen, com cenas de Carlos Magno. O seu estilo similar ao de Albrecht Dürer reflete a influência dos nazarenos.

[2] N.T.:

Der Tod als Freund.

I.

F, i, fi-n, i, ni!

Bom Deus Pai, eu terminei ...

Você que me puniu,

Na minha vida triste,

Para tantas coisas horríveis

Que eu nunca cometo

Deixe-me desfrutar, em paz,

Da minha agonia!

II.

Os favores que eu Te devo,

Eu os conto nos dedos:

Todo torto que eu sou,

Isso é feito muito rapidamente!

Tenha paciência e conte

Todos os meus problemas -então

Todas as suas severidades -

Você vai me afastar!

III.

Nasci para sofrer e sofrer

Rebaixado, odiado, estúpido, ignorante,

Velho, feio, insignificante e moribundo.

No meu buraco sem reclamar,

Eu também estou sem desejo

Além de terminar bem

Sem arrependimento, sem arrependimento

Sem esperança ou medo!

IV.

Pai inflexível e ciumento,

Seu Filho está morto por nós!

Além disso, eu permaneço convosco

Tão bom sem rancor,

O que eu gostaria, de jeito nenhum,

Para fazer, no limiar da minha prisão,

Alguma pequena oração ...

Eu não conheço uma!

V.

Eu ouço o toque do Angelus

Quem reúne seus escolhidos:

Para mim, da dobra excluída.

É a morte que soa!

Orar não beneficia nada ...

Perdoar é o único bem:

É seu e é meu:

Eu te perdoo!

VI.

Seja o mesmo!

Se houver algum sono real

Sem sonhos ou despertar,

Abra para mim

Faça esse enorme esquecimento

Capas, sob uma última dobra,

No meu corpo

Minha consciência morta!

Oh, meu fracasso! Que desespero sem esperança eu fui em todas as coisas, pequenas e grandes.